

O PORCO CAIPIRA NAS MINAS GERAIS: UM LEVANTAMENTO SOBRE RAÇAS

Glauco da Costa KNOPP¹ (SENAC BH); Hugo Messina RIBEIRO¹ (SENAC BH); Marcus Vinícius de Carvalho MONTEIRO² (SENAC BH); Edna Aparecida Lisboa SOARES² (SENAC BH); Carolina Figueira da COSTA² (SENAC BH)

¹ Estudantes de Gastronomia - Faculdade Senac Minas (Unidade Belo Horizonte), ² Professores do Curso de Gastronomia, Faculdade Senac Minas (Unidade Belo Horizonte)

INTRODUÇÃO

Os suínos de raça crioula, popularmente conhecidos como “porcos caipiras”, desempenharam historicamente um importante papel na cultura alimentar brasileira, especialmente na culinária de Minas Gerais (ABDALA, 2007).

Com a introdução de novas raças de suínos, as populações de raças crioulas tiveram drástica redução de tamanho nas últimas décadas e, hoje, estão sob risco de extinção (CAVALCANTE NETO, 2010).

Embora se observe um movimento recente de valorização desses suínos na gastronomia (DÓRIA, 2014), são escassos os estudos sobre os usos e as condições desses animais (SOLLERO, 2006).

Diante da importância histórica das raças crioulas de suínos para a cultura e economia mineira, bem como da escassez de estudos sobre elas, questiona-se: Quais são as principais raças e tipos raciais de suínos crioulos desenvolvidos em Minas Gerais?

METODOLOGIA

O estudo é de natureza qualitativa e caráter descritivo (MINAYO, 2006). Foram coletados dados secundários, de fontes bibliográfica e documental disponíveis em bases acadêmicas e em sites de governos e da indústria suinícola.

Quando os dados governamentais não estavam disponíveis na internet, foram solicitados por meio de canais oficiais, sob amparo da Lei nº 12.527/2011 – Lei de Acesso à Informação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em seus estudos sobre o tema, Sollero (2006) e Cavalcante Neto (2010) constataram o elevado grau de mestiçagem do rebanho e a quase extinção das raças crioulas de suínos no país, seja pela introdução de raças exóticas, seja pelas pressões econômicas na busca por animais “melhorados”.

Cavalcante Neto (2010) identificou que as principais raças crioulas hoje existentes no Brasil são Piau, Nilo, Pirapitinga, Moura, Monteiro, Canastrão, Canastra, Tatu, Pereira e Simental. De acordo com o autor, Piau, Pirapitinga, e Simental são originárias de Minas Gerais.

Sollero (2006) cita, ainda, a ocorrência da raça Caruncho na região do Triângulo Mineiro. Já a EMATER-MG (2012) menciona Piau, Pirapitinga, Nilo-Canastra e Caruncho. Destes, apenas Piau e Moura são reconhecidos oficialmente como raças.

Dados da Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS, 2019), conforme a Tabela 1, a seguir, indicam que as raças Piau e Moura representam, respectivamente, apenas 0,02% e 0,04% do total do rebanho nacional, enquanto 53,19% são frutos de cruzamentos, corroborando os apontamentos anteriores.

Tabela 1 – Suínos registrados no país

RAÇAS	TOTAL	%
Landrace	1.240.343	19,76
Large White	1.130.644	18,02
Duroc	368.457	5,87
Pietrain	62.219	1
Wessex	13.319	0,21
Hampshire	12.175	0,19
Berkshire	2.457	0,04
Faixa Branca	1.933	0,03
Moura	2.168	0,04
Pland China	1.387	0,02
Piau	1.250	0,02
Large Black	355	0
Montana	282	0
Tamworth	50	0
Wessex Preto	20	0
Meishan	17	0
Puro Sintético	100.705	1,61
Cruzados	3.338.022	53,19
TOTAL	6.275.863	100

Fonte: Adaptada de ABCS (2019).

Em que pese a situação apresentada, são quase inexistentes as informações oficiais acerca desses animais. A “Pesquisa Pecuária Municipal” (IBGE, 2018) não estratifica os animais por raça. Estas informações também não foram encontradas nas instituições públicas federais e mineiras que atuam com as temáticas da pecuária, do meio ambiente e da extensão rural, assim como na associação de suinocultores do estado, todas consultadas para este estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou identificar raças como Piau, Pirapitinga, Nilo-Canastra e Caruncho como evidências do que se convencionou chamar por “porco caipira” na cultura alimentar nas Minas Gerais. A investigação também aponta que suas atuais condições de criação e uso carecem de reflexão.

O estudo possibilitou identificar raças como Piau, Pirapitinga, Nilo-Canastra e Caruncho como evidências do que se convencionou chamar por “porco caipira” na cultura alimentar nas Minas Gerais. A investigação também aponta que suas atuais condições de criação e uso carecem de reflexão.

A dificuldade de acesso às informações oficiais acerca desses animais pode indicar um baixo interesse de pesquisas do setor, inclusive do poder público e do agronegócio, nessas raças. Essa evidência pode demonstrar uma necessidade de políticas públicas e estudos com vistas à consolidação da compreensão sobre esse importante capítulo da cultura alimentar brasileira.

Vislumbra-se como desenvolvimento do caminho investigativo para determinar as raças predominantes no estado e suas atuais condições, o levantamento do cadastro de criadores, a identificação daqueles que criam tais raças, seguida pela realização de entrevistas com os criadores selecionados.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Mônica Chaves. **Receita de mineiridade**: a cozinha e a construção da imagem do mineiro. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2007. 188 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE SUÍNOS. **Relatório do serviço de registro nacional de suínos 2018**. ABCS, 2019. Estrela – RS. Disponível em: <<http://abcsnews.com.br/wp-content/uploads/2019/12/Relat%C3%B3rio-SRGS-ABCS-1.pdf>>. Acesso em 07 de junho de 2020.

CAVALCANTE NETO, Aderbal. **Origem do suíno casco-de-burro e sua relação genética com populações ibéricas e americanas**. 2010. vi, 291 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102799>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Pecuária Municipal – PPM 2018**. IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-producao-da-pecuaria-municipal.html?=&t=destaques>>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

SOLLERO, Bruna Pena. **Diversidade genética das raças naturalizadas de suínos no Brasil por meio de marcadores microssatélites**. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília. Brasília, 87 p. 2006.